

Título: O embondeiro e a mulemba: árvores e literatura

Title: *The embondeiro and the mulemba: trees and literature*

Maria Geralda de Miranda

Dra. em Literatura Comparada pela UFF

Profa. adjunta da Unisuam e da Unesa.

mariamiranda@globo.com

RESUMO:

A presença de árvores é um dado recorrente nas literaturas africanas de língua portuguesa, que, em geral, as situam como intermediárias entre as divindades e os humanos. O presente trabalho buscará recortar a presença de duas árvores: a mulemba, no romance *Yaka*, do escritor angolano, Pepetela, e o embondeiro, no conto “o embondeiro que sonhava pássaros”, do escritor moçambicano, Mia Couto. Em ambas as narrativas, compondo o viés mitológico, elas servem de abrigo e simbolizam resistência ao dominador.

PALVRAS-CHAVE: embondeiro, mulemba, Mia Couto, Pepetela.

ABSTRACT:

The presence of trees is a recurrent image in African Literature written in Portuguese. This image is usually situated as a place between the gods and the humans. The present work searches to analyze the presence of two trees, the mulemba, in the novel *Yaka*, by Angolan writer Pepetela, and the embondeiro, in the short story "The embondeiro that dreamed of birds", by Mozambican writer Mia Couto. Both narratives, by composing a mythological path, shelter and symbolize the resistance to the colonizer.

KEY-WORDS: embondeiro, mulemba, Mia Couto, Pepetela.

A simbologia da árvore é um tema muito difundido por todo o planeta. CHEVALIER e GHEERBRANT, em *Dicionário de símbolos* (1990, P. 84), apontam algumas interpretações disseminadas nas mais variadas culturas. Salientam, no entanto, que mesmo quando ela é considerada sagrada, não é objeto de culto por toda parte. “É a figuração simbólica de uma entidade que a ultrapassa e que, ela sim, pode se tornar objeto de culto”. A árvore aparece também como símbolo do aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração, “sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de tolhas todos os anos”.

Os autores afirmam ainda que a árvore põe em comunicação os três níveis do cosmos: o subterrâneo, através de suas raízes, sempre a explorar as profundezas; a superfície, através de seu tronco e de seus galhos inferiores; as alturas, por meio de seus galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. “Reúne todos os elementos: a água circula em sua seiva, a terra integra-se a seu corpo através das raízes; o ar lhe nutre as folhas, e dela brota o fogo quando se esfregam seus galhos um contra o outro.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1990, P. 85).

Para os objetivos desse estudo, nos deteremos inicialmente nessas significações apontadas no citado dicionário, já que as árvores das quais trataremos, a mulemba, no romance *Yaka*, de Pepetela, e “O embondeiro que sonhava pássaros”, no conto de Mia Couto, são significativas para os africanos em vários aspectos e exercem, nas narrativas dos dois ficcionistas, funções primordiais para o desenvolvimento das histórias contadas.

O embondeiro, também conhecido por baobá, é uma árvore frondosa que chega a medir trinta metros de altura e até onze metros de diâmetro de tronco. Segundo Nero Kalashnikov, (2009), essa árvore se destaca pela capacidade de armazenamento de água dentro do tronco, que pode chegar até cento e vinte mil litros. Pode viver milhares de anos, embora seja difícil confirmar esse dado. As crateras que se abrem no interior do tronco, para além de poderem armazenar água, servem muitas vezes de celeiros de cereais e até de sepulturas. Seus frutos também servem de alimento.

A mulemba, ou figueira africana, é também uma árvore frondosa que chega a medir até trinta metros de altura e apresenta copa volumosa e muito ramificada. É principalmente apreciada pela sombra que produz. Embaixo de sua sombra, os conselhos tribais se reuniam para deliberar sobre questões importantes da aldeia. Era também debaixo dessas árvores, próximas às residências, que os africanos adivinhavam presságios, estabeleciam contato com o mundo sobrenatural e se reuniam para ouvir histórias contadas pelos mais velhos. Essas faziam parte da tradição oral, textos “vivos” que mantinham com a natureza uma relação de vínculo, pois, como afirma Hampâté Bâ (1989, p. 15), “a palavra é a exteriorização das vibrações das forças (...) no universo tudo fala, tudo é palavra que tomou corpo e forma.”

Tanto o embondeiro quanto a mulemba se destacam pela utilidade proporcionada à comunidade, que delas se servem. Há uma simbiose entre natureza e espiritualidade, talvez determinada, ou explicada, primeiramente, pelos benefícios que aquela oferece às

peças e depois por servirem de canais de comunicação entre os humanos e os espíritos. Há uma circularidade interpretativa na cultura africana que mantém viva a idéia de integração e harmonia entre a natureza e os humanos, própria do animismo presente em muitos grupos étnicos da África.

No romance *Yaka*, a mulemba tem uma simbologia bastante interessante, exatamente porque o personagem protagonista nasce embaixo da sombra de uma dessas árvores bem frondosa e antiga. No conto de Mia Couto, o personagem central mora na cratera de um tronco de um enorme embondeiro. Nas duas histórias, está presente a idéia de proteção contra as hostilidades do ambiente e a intermediação com o sobrenatural.

No romance de Pepetela, Alexandre Semedo, filho do degredado Oscar Semedo, nasce em terra cuvale, embaixo de uma mulemba. A velha escrava ganguela que assistia a sua mãe deixa-o cair após o nascimento e ele acaba “mordendo” a terra cuvale. “Acocorados à sombra da mulemba em estranhos afazeres (...), novo vagido menos agressivo. E o silêncio pesado da espera. A boca do menino se fechou, quando mordeu a terra.” (PEPETELA, 1984, p. 8).

A terra cuvale, no romance de Pepetela, funciona como metáfora da própria nacionalidade. O autor faz, sem dúvida nenhuma, um trabalho de releitura da história angolana, remontando as várias lutas de resistência, e situa os cuvale como um povo que resistiu bravamente à dominação colonialista. No período de intensas campanhas militares, tal povo empreendeu muitas derrotas aos exércitos portugueses. Situar a árvore sagrada, embaixo da qual Alexandre Semedo nasceu na terra cuvale, é uma forma de o autor reforçar na narrativa a importância desse povo na resistência anticolonial e fazer da árvore mulemba um símbolo da nação angolana.

Como filho de colonos portugueses, Alexandre estava fadado a ser mais um colonialista, pois como observa Albert Memmi, “o mecanismo é quase fatal: a situação colonial fabrica colonialistas como fabrica colonizados” (MEMMI, 1977, p. 59). O contraponto de seus valores, em um mundo marcado pela opressão e violência contra os dominados, é deflagrado no romance exatamente pelas circunstâncias místicas de seu nascimento.

O nascimento de Alexandre Semedo é fundamental para entendermos todo o simbolismo do romance, porque ele tem misturado em seu corpo “o pó da terra e os líquidos que trazia ao sair da mãe”. (PEPETELA, 1984, p. 9). A sua ambigüidade existencial, nem colonialista, nem colonizado, mas “batizado pela terra” angolana ao nascer, permite que, no plano mítico da narrativa, seu neto, Joel, rompa definitivamente com os valores do dominador e se alinhe ao MPLA, na luta de libertação nacional.

Tanto o povo *cuvale* quanto a árvore ajudam a compor a atmosfera mítica do nascimento de Alexandre. A *mulemba* é considerada sagrada pelos *cuvale*, até porque é uma árvore frondosa e rara na região semidesértica do sudoeste angolano. O povo *cuvale* se constituía basicamente de criadores de gado. Era um povo guerreiro e por isso temido pelo colonizador. Todos esses elementos: o povo, o território e a árvore marcarão a vida da personagem Alexandre Semedo para sempre.

Alexandre teve vários filhos e netos. Um deles, Aquiles, se destacava pela violência. Talvez o mais violento e arrogante entre os personagens colonialistas do romance. Foi morto pela flecha de um ancião *cuvale*. É no neto que a simbologia da árvore e da terra *cuvale* se completa: “Joel partiu para a guerra e Alexandre teve a sensação nítida que nunca mais o veria. (...) Não deixarei traço no mundo. Nem o *sapalalo*. (...) Deixei-o aprofundar, já sai pós para todos os lados. (PEPETELA, 1984, p. 298-9).

Quando Joel parte para a guerrilha, Alexandre sabe que aquele regime estava chegando ao fim. A sua casa, o *sapalalo*, imponente sobrado colonial, estava corroído pelos cupins, indicando o fim de um ciclo da família Semedo e também o fim do sistema colonial em Angola. Cada vez mais velho e solitário, Alexandre passa a “conversar” com uma estátua de madeira preta, *yaka* - nome que também serve de título à obra -, que ficava em um canto de sua sala. Tal objeto, na visão da personagem, possuía poderes mágicos. Pelos olhos da estátua, ele vê Joel caminhando junto com os guerrilheiros em direção ao *Dombe Grande*. Depois vê as pernas dos guerrilheiros avançarem a caminho do Sul.

Em vários momentos do romance, há diálogos entre Alexandre e a estátua, como nessa passagem: “Alexandre, o seu bisneto vai ser adotado pelos *cuvale* e todos juntos vão fazer a guerrilha (...) por trás das tropas inimigas e só vai durar cem dias (...),

porque os invasores vão recuar, empurrados pela frente e minados atrás pela guerrilha”. (PEPETELA, 1984, p. 300).

Também pelos olhos da estátua, vê Joel perto da região da Bibala deitado no chão à sobra de uma mulemba. Momento em que indaga: **“será a mulemba sagrada dos cuvale, o centro do mundo, onde moram todos os espíritos dos antepassados?”**. (PEPETELA, 1984, p. 301, grifos meus). O romance se inicia com Alexandre nascendo embaixo da mulemba sagrada dos cuvale e termina com o seu bisneto, Joel, também deitado embaixo de uma mulemba, mostrando a fecundidade do mito da árvore, que também simboliza o fim de um ciclo que é o da opressão colonial e o nascimento de um novo, a nação angolana independente.

Pensando sobre os componentes míticos das narrativas africanas de língua portuguesa, especialmente sobre as de Pepetela e Mia Couto, não posso deixar de concordar com uma afirmação da professora Carmem Lucia Tindó Secco (*apud* Bidinoto, 2004, p. 42) que diz que essas narrativas se afastam dos modelos europeus, já que se deixam ler nos interstícios dos discursos literários os mitos e a história de seus países, nos quais realidade e fantasia, devido às crenças populares tradicionais, se encontram mesclados.

O conto, “O embondeiro que sonhava pássaros”, de *Mia Couto*, também mostra com clareza o entrelaçamento entre árvore e resistência à dominação colonialista, pois conta a história de João Passarinheiro, um ancião vendedor de pássaros, que alegrava as crianças, filhas dos colonizadores, com os seus pássaros coloridos, que ele teimava em vender. Tanto o passarinho quanto os pássaros moravam em um embondeiro. O ancião, em uma cratera do amplo tronco e os passarinhos, nos galhos.

A residência dele era um embondeiro, o vago buraco no tronco. (...) Os portugueses se interrogavam: onde desencantavam ele tão maravilhosas criaturas? Onde, se eles tinham já desbravado os mais extensos matos? (COUTO, 1990, p. 63).

O personagem do conto é referenciado pela alcunha de passarinho e os pássaros que ele vende encantam os filhos dos colonizadores não apenas pelo belo canto, mas também por serem coloridos. Ao toque da *muska* os pássaros se reuniam em seu entorno e cantavam. “O homem puxava de uma muska e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava. (COUTO, 1990, p.63).

Afinal os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes? Ou culpado seria aquele negro, sacana, que se arrogava a existir, ignorante de seus deveres de raça? O vendedor, assim sobremissos, adiantava o mundo de outras compreensões. (COUTO, 1990, p. 64).

A presença do velho passarinho no bairro amofinava os senhores brancos, mas afagava as crianças, que o seguiam pelas ruas. Ao ser impedido de realizar a atividade de vender pássaros, acontecimentos claramente considerados sobrenaturais começam a acontecer:

Na casa dos Silvas: - Quem abriu este armário? Ninguém não tinha sido. Em casa dos Peixotos: - Quem espalhou alpista na gaveta dos documentos? O qual, ninguém, nenhum, nada. No lar do presidente do município: - Quem abriu a porta dos pássaros? Ninguém abriu. O governante em desgoverno de si. Ele tinha surpreendido uma ave dentro do armário. Os sérios requerimentos municipais cheios de caganitas. - Vejam este cagado bem na estampilha oficial. (COUTO, 1990, p. 64-5).

O passarinho fora preso e torturado, mas um dos meninos, Tiago, amigo do ancião, tentou ajudá-lo. Ao perceber que ele havia saído da prisão, o garoto foi para o embondeiro esperá-lo. Os guardas, ao perceberem que o passarinho havia deixado a cela, foram diretos para o tronco, onde estava Tiago, que acabou sendo queimado, por engano, dentro da árvore. “Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes”, (COUTO, 1990, p. 68).

O vendedor de pássaros vivia em harmonia com a natureza, com o embondeiro e com os pássaros, residia dentro da árvore e tinha poder sobre os passarinhos. A sua fuga da prisão constitui-se em um ato de resistência e está vinculada ao “mito” das forças vivas da natureza, tão desprezadas pelo colonizador. A ligação do passarinho com as crianças demonstra pureza, representada pela sua ligação com o menino “aprendiz de seiva”.

A importância do velho como depositário do conhecimento da cultura oral africana é também um elemento que deve ser destacado no conto. No velho e no menino se unem as pontas do saber ancestral. “Inquirido sobre a sua raça, respondeu: - A minha raça sou eu, João Passarinho. Convidado a explicar-se, acrescentou: Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia. (Epígrafe, p. 8).

O embondeiro nessa narrativa, como a mulemba no romance *Yaka*, serve de abrigo aos personagens, que fatigados pelo cansaço buscam repouso, e simbolizam a resistência ao sistema de opressão. Trata-se também, neste caso, da releitura da história oficial com a inserção de elementos da cultura popular africana, ou, como diriam outros estudiosos, a partir de elementos do mito. Do tronco do embondeiro, auxiliado pelos pássaros, sobre os quais tinha domínio, o ancião demonstrava aos colonizadores que estava ali, que a sua cultura não cedia. Ele, como o embondeiro - que armazena água para agüentar a seca – continha conhecimentos sobre a natureza e os usava a seu favor. E também, como o embondeiro, possuía amplas e profundas raízes fincadas naquela terra, com a qual estabelecia trocas harmoniosas.

A história do passarinho indica que a dominação pode ser “driblada”, ou até derrotada, por conhecimentos populares, ou míticos, que se constituem, nas histórias africanas, latino-americanas e asiáticas, em grandes aliados dos oprimidos. É nos subterrâneos do poder e da política, onde o dominador não reconhece os elementos “estranhos” da cultura autóctone, que melhor se combate a opressão, ou se trava a luta “político-mitológica” da resistência, pois não adianta matar um passarinho, que surgem outros, ou matar todos os meninos “aprendizes de seiva”, que surgirão outros. O não reconhecimento dos elementos considerados estranhos impede o dominador de aproximar-se pacificamente. Como diria Manuel Rui, o invasor, antes de conhecer o dominado, chega disparando o canhão, destruindo o texto falado e visto. (RUI, apud MEDINA, 1987, P. 308).

No conto de Mia Couto, o ancião e o menino simbolizam as duas pontas do ciclo de vida. Ambos valorizados na cultura africana, conforme indica Kabwasa: “Nesta visão do mundo africano, ligada à noção de força vital, a velhice é uma etapa da existência humana a que todos aspiram, pois a crença na sobrevivência, na continuidade da vida e no culto dos antepassados privilegia os anciãos” (KABWASA, 1982, p. 12). Assim como toda criança está destinada a ser adulta, o adulto velho está destinado a ser velho antepassado.

Entre o ancião e o menino, ou unindo simbolicamente os dois, está o embondeiro, símbolo de proteção e de resistência, já que nenhum dos dois, nem o velho, nem o menino, se deixou intimidar pela violência colonialista. Morada do ancião e que passou a ser também morada definitiva do menino, já que este foi queimado dentro de seu tronco, o embondeiro de Mia Couto marca também o fim do ciclo colonial em Moçambique e aponta para uma nova

etapa. O ciclo vital do menino “aprendiz de seiva” se completará em simbiose com a árvore mãe. Certamente o fogo que queimou os galhos da árvore não terá sido em vão.

Não há dúvidas de que as histórias de Pepetela e Mia Couto mostram que além dos poderes “legalmente” constituídos há uma vasta rede de conhecimentos nos subterrâneos da resistência que confirmam as experiências de contra-poder e revolta dos oprimidos. Nas duas histórias, as duas árvores, que sempre trocam de folhas na passagem de ciclos, simbolizam nascimento e regeneração, fim de um período, início de outro e integração do homem e da natureza. É a mulemba o elemento simbólico que une Alexandre a Joel. O primeiro se misturou ao pó da terra ao nascer, embaixo da mulemba, e o segundo, também embaixo da sombra da árvore sagrada, traça os planos da guerrilha que fizeram o dominador recuar. É o embondeiro que une a criança e o velho, completando assim o ciclo do eterno retorno e da identidade cultural.

REFERÊNCIAS

BIDINOTO, Alcione. *História e mito em cada homem é uma raça*, de Mia Couto. Dissertação de Mestrado. Apresentada à Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2004.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1990.

HAMPAPÂTÉ BÂ, Amadou. “Palavra africana”

KABWASA, Nsang O’Khan. “O eterno retorno”. In *O Correio da Unesco*, Brasil, 1982, ano 10, no. 12, pp. 12-5.

KALASHNIKOV, Nero. O embondeiro e a política. Disponível em <<http://nkutumula.blogspot.com/2009/06/o-embondeiro-e-politica.html>>. Acesso em 22/08/2009.

MEMI, Albert. *Retrado do colonizado precedida do retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e terra, 1989.

MIRANDA, Maria Geralda. “Yaka, um texto tecendo a nação”. Dissertação de mestrado, defendida na UFF em 1995.

PEPETELA (Arthur Pestana). *Yaka*. São Paulo: Ática, 1984.

RUI, Manoel. “Eu e o outro - o Invasor. Ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto”. Apud MEDINA, Cremilda de Araujo. *Sonha mamana África*. São Paulo: Ed. Epopeia. Secretaria de Estado da Cultura, 1987, pp. 308-10.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das Letras africanas*. Rio de Janeiro: Abe Graph Editora, 2003.